

# Arte Engajada: produção e gestão da arte em bairros da periferia de São Paulo

Avanço de investigação em curso

GT 32: Sociologia da Arte e da Cultura

Sarah Ferreira de Toledo<sup>1</sup>

## Resumo:

O início dos anos 2000 pode ser considerado um marco para situarmos os novos movimentos culturais que surgiram nas periferias de São Paulo. O espaço antes ocupado por grupos de Hip Hop e samba, coletivos de teatro, passou a ser dividido com a Literatura. Nessa dinâmica, surgiram lugares onde escritores pudessem compartilhar suas produções. São saraus literários que ocorrem em diversos bairros das periferias da cidade. Suas atividades extrapolam a Arte, em uma relação com a comunidade, poder público e movimentos sociais. O objetivo desse artigo é compreender em que contexto esses movimentos culturais, formados majoritariamente por jovens, se inserem e passam a ter significativa importância. Não apenas por demandas relacionadas à cultura, mas também por melhorias na qualidade de vida nas periferias.

**Palavras-Chave:** Periferia, Movimentos Culturais, Juventude

## 1. Introdução

### 1.1 Engajamento e Produção Artística

O presente trabalho é parte de uma pesquisa mais ampla – “Juventude, Cultura e Política: um estudo antropológico sobre os saraus literários na periferia da Zona Sul de São Paulo” – em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de São Paulo. Por meio dessa investigação busca-se entender a relação entre produção cultural e atuação política em alguns bairros da cidade, nos quais saraus literários têm se tornado um importante espaço de articulação, tendo o segmento jovem como principal ator.

Os saraus literários não são invenções recentes. Em diversas épocas e sociedades, com razões e significados distintos, fizeram parte da vida cultural. Em nossa sociedade contemporânea, na cidade de São Paulo, saraus realizados em bairros de periferia tem se apresentado como um novo modo de realização desses encontros literários, assumindo um sentido diverso da ideia que temos das reuniões festivas organizadas pela sociedade nobre do século XIX. O objetivo dessa investigação passa por entender quais sentidos esses saraus assumem em espaços que enfrentam o descaso do poder público não apenas no que diz respeito a questões de infraestrutura, mas também ao investimento em equipamentos públicos de cultura.

Os saraus literários nas periferias começaram a surgir no início dos anos 2000. Em estudo sobre “literatura marginal”, a antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (2009) indica o Sarau da Cooperifa, surgido em 2001, como precursor. De fato, a Cooperativa Cultural da Periferia, criada por Sérgio Vaz e Marco Pezão, ao lado do Sarau do Binho, organizado pelo poeta Robison Padial (o

---

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências Sociais pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Contato: sarahftoledo@gmail.com

Binho), em 2002, deu início a um movimento cultural que só expandiu nos últimos 11 anos. Atualmente, as periferias de todas as regiões de São Paulo contam com pelo menos um sarau atuando ou em construção<sup>2</sup>.

Cada sarau tem construído sua identidade, se articulando com questões e grupos específicos e criando sua própria dinâmica. No entanto, de modo geral, são caracterizados por serem espaços onde jovens escritores e artistas apresentam a arte que eles mesmos produzem. Iniciando o sarau com a declamação de uma poesia por parte do organizador ou condutor da vez, o microfone fica à disposição de qualquer um que queira se apresentar com produções literárias, músicas, performances teatrais, ou outras manifestações artísticas.

Os conteúdos dessas manifestações são variados, porém, em sua maior parte, são referentes a temas do cotidiano nesses bairros de periferia. Outros temas são abordados como o preconceito étnico-racial e constantemente são feitas referências a ícones do Movimento Negro que foram importantes na luta por direitos, assim como a escritores da chamada “literatura negra”.<sup>3</sup>

## 1.2 A “Literatura Marginal”

O conceito de “Literatura Marginal” adquiriu diversos sentidos ao longo das décadas. A antropóloga Érica Peçanha do Nascimento (2009), realizou um estudo em que discutiu essa expressão utilizada nos dias atuais por escritores da periferia, a fim de compreender o que é, afinal, a “literatura marginal” nesse contexto. Ela expõe três usos e significados que o termo adquiriu ao longo dos anos.

Em primeiro lugar, o significado pode se referir a uma produção literária que está às margens de um corredor editorial oficial e reconhecido. O segundo significado se refere a um estilo de escrita que rompe com os valores literários de sua época e com uma linguagem institucional. Por fim, o terceiro significado está relacionado aos temas abordados pelo escritor, na atitude de ler e interpretar em forma de texto uma realidade social, a de grupos oprimidos (NASCIMENTO, 2006).

Considerando tais características, poderíamos inserir diversos escritores brasileiros na categoria “literatura marginal”. Entretanto, essa expressão está diretamente ligada a um movimento nascido nos anos de 1970, que além de Literatura produzia música, cinema e teatro. Esse movimento, caracterizado por reinventar a forma de produzir e divulgar sua arte, era composto por intelectuais que se posicionavam num sentido oposto aos padrões da sociedade, em um contexto de ditadura militar. Porém, a classificação de “literatura marginal” não foi atribuída por eles próprios, mas sim pela crítica da época. A origem social desses poetas setentistas, o conteúdo de suas obras, o circuito de produção e divulgação da Arte e o público leitor-consumidor em tudo se diferenciam dos aspectos do movimento da “literatura marginal” que passa a surgir no início dos anos 2000.

Essa categoria foi ressignificada pelo escritor Ferréz<sup>4</sup>, a partir do lançamento de seu livro *Capão Pecado* (2005) e das edições especiais da *Revista Caros Amigos*, em 2001, intituladas “Literatura Marginal: a cultura da periferia”. Nessa ressignificação, a “literatura marginal” remetia

<sup>2</sup> Na *Zona Sul*: Sarau do Binho, Sarau da Cooperifa, Sarau da Ademar, Sarau de Paraisópolis, Coletivo Perifatividade, Ensaiaço; *Zona Norte*: Sarau da Brasa; *Zona Leste*: Sarau dos Mesquiteiros, Sarau Griots, Coletivo Marginaliaria, Sarau PAVIO da Cultura; *Zona Oeste*: Sarau Elo da Corrente, Sarau ZAP – Zona Autônoma da Palavra; *Centro*: Sarau Suburbano Convicto; entre outros.

<sup>3</sup> Ver Bernd (1988).

<sup>4</sup> Reginaldo Ferreira da Silva, o Ferréz, é escritor – romancista, contista e poeta. Lançou seu primeiro livro, *Fortaleza da Desilusão*, em 1997. Seu romance, *Capão Pecado*, lançado no ano 2000 foi o que impulsionou sua carreira. Seus próximos livros foram: *Manual Prático do Ódio* (2003), *Amanhecer Esmeralda* (2005), *Ninguém é Inocente em São Paulo* (2006) e *Deus Foi Almoçar* (2011). Ferréz foi colunista na *Revista Caros Amigos* durante 10 anos, período em que participou das edições especiais sobre Literatura Marginal.

ao mesmo tempo, à situação de marginalidade (social, editorial ou jurídica) vivenciada pelo autor e a uma produção literária que visa expressar o que é peculiar aos espaços tidos como marginais, especialmente com relação à periferia (os temas, os problemas, o linguajar, as gírias, os valores, as práticas de certos segmentos etc.) (NASCIMENTO, 2009: 20).

De fato, a expressão “literatura marginal” tornou-se publicamente uma referência às obras produzidas por escritores da periferia, a partir da publicação das edições da *Revista Caros Amigos* e da enorme divulgação do escritor Ferréz e de outros escritores. Porém, passados 12 anos, essa categoria, que já não era aceita de maneira preponderante pelos escritores, tornou-se ainda mais complexa e polêmica. Isso porque nem todos entendem que a Literatura deva ter esse (ou algum tipo de) rótulo.

Um exemplo entre os que não se utilizam do termo “literatura marginal” para definirem suas obras é o escritor Sérgio Vaz. Seja no Sarau da Cooperifa – o qual organiza – ou em entrevistas, não o vemos utilizar essa expressão e, sim, “literatura periférica”. Sobre esse termo, Sérgio Vaz esclarece:

“O que é literatura periférica? Eu pergunto: o que é literatura grega? Literatura grega é feita pelos gregos. O que é literatura negra? É feita pelos negros. E literatura periférica, por gente que mora na periferia.” (Sérgio Vaz em entrevista ao documentário *A Força da Palavra*<sup>5</sup>.)

Percebemos nessa fala a ideia de que a produção literária está, sim, relacionada ao lugar de onde o escritor fala. O que, evidentemente, irá sobressair no conteúdo de seus textos. Mas, ao mesmo tempo, a fala apresenta uma ideia de que a categorização não é tão importante. Outros escritores também não se inserem em nenhum tipo de rótulo, como vemos, por exemplo, nas falas a seguir:

“Se eu fosse me definir, eu ia entrar em crise. Porque ao mesmo tempo em que eu estou dentro da literatura marginal, eu estou dentro da literatura negra e afrodescendente. Eu estou dentro também da literatura brasileira, estou dentro da literatura divergente... Não tenho problema nenhum que me definam, mas eu não falo. A única coisa que eu faço é literatura e ponto.” (Escritor Sacolinha – em entrevista ao documentário *A Força da Palavra*.)

“Eu tento não pensar muito nisso pensar que a arte que eu faço tá condicionada ao lugar de onde eu vim e, sim, ligada à experiência que eu tive desde que cheguei aqui.” (Escritor Parteum – em entrevista ao documentário *A Força da Palavra*.)

Certamente, não é possível pensar em qualquer forma de Arte deslocada de um contexto social e histórico. Ainda que não seja uma arte engajada, ou que não seja o objetivo fundamental do escritor falar sobre sua sociedade, essa produção expressará valores, questionamentos, problemas, modos de vida, enfim, diversos aspectos do contexto em que foi escrito.

Nesse sentido, não podemos ignorar as categorias que foram feitas até agora por parte dos próprios escritores da periferia e também por parte de estudiosos. A própria categorização tem muito a dizer sobre o momento que vivemos, em que as artes têm ocupado importante espaço nas grandes cidades e suas periferias. Do mesmo modo, não podemos ignorar que as categorias não são tomadas igualmente por todos os escritores, que divergem sobre a maneira como nomear essa Literatura e até mesmo sobre se isso deve ser feito. Ou seja, essas categorias não são suficientes para expressar a complexidade dessa produção artística. Se as categorias de “literatura marginal” ou “periférica” podem ser utilizadas por muitos escritores, até mesmo como forma de diálogo e negociação com outros setores, isso não significa que todos pensem na Literatura por esses termos. Talvez a única concordância seja em relação ao fato de que todos produzem Literatura e estão inseridos no contexto da periferia.

<sup>5</sup> Projeto que pretende documentar o movimento literário da periferia paulistana. Mais informações e vídeos completos em: <http://www.aforcadapalavra.com.br/>.

O posicionamento que assumo como pesquisadora é o de levar em conta essas vozes divergentes, na discussão mais ampla que proponho. Acredito ser da competência de analistas, críticos literários e dos próprios escritores selecionar os critérios para nomear essa Literatura, pois eles levarão em conta outros fatores (estéticos, estruturais, linguísticos).

Para compreender o que esse movimento tem transformado, ou como tem sido transformado em toda essa dinâmica cultural, opto por pensar essa Literatura feita por escritores da periferia no espaço das chamadas *contraliteraturas*, como assinalou Zilá Bernd (1988). Para Bernd, a *contraliteratura* caracteriza uma postura crítica no interior de um campo literário instituído, em que há, por meio de um discurso, a contestação dos valores representados pela cultura dominante. Assim, segundo a autora, para além de indicar de onde o autor escreve, a atenção se volta ao discurso presente nas obras. É o discurso que temos observado nos livros dos escritores da periferia, assim como nos saraus literários.

Na pesquisa temos identificado que a partir dessa Literatura e a arte produzida e apresentada nos saraus, atores juvenis das periferias têm se articulado também politicamente. Isso não é novo se pensarmos, por exemplo, no movimento Hip-Hop<sup>6</sup>. Mas se o rap parecia uma voz isolada dos jovens moradores das periferias durante a década de 1990, suas reivindicações e denúncias ganham força com as artes insurgentes que começam a ocupar diversos espaços e a criticar a ordem social vigente. As práticas juvenis passam a englobar outros tipos de articulações, em que os saraus têm ocupado um papel importante por meio de sua produção, apresentação e gestão de uma Arte que podemos chamar de engajada, em favor das demandas das periferias.

Mas para além das demandas, escritores têm se unido a rappers, músicos e atores, construindo uma identidade que se baseia não mais nas ausências da periferia, mas sim em suas potencialidades. A questão que surge é como podemos situar os jovens e essa identidade em um contexto onde, por outro lado, esses mesmos jovens são vítimas de exclusão e violência?

O recorte para o presente trabalho é feito no sentido de realizar uma reconstrução do contexto histórico e social no qual os saraus estão inseridos. Os bairros onde a investigação acontece foram considerados, nos anos de 1990, entre os lugares mais violentos do mundo, devido ao alto índice de mortes por homicídios. Algumas ações de movimentos sociais e Organizações Não-Governamentais foram e são ainda hoje importantes no combate à violência e na valorização desses bairros. Nossas pesquisas têm indicado uma sólida aproximação entre os saraus – ou movimentos culturais – e os movimentos sociais já existentes e que têm surgido.

## 2. O Contexto e as Situações

### 2.1 A Segregação Socioespacial em São Paulo

Como todas as grandes cidades, São Paulo passou por diversos tipos de configurações socioespaciais, que foram sempre marcadas pela segregação. Ainda nos anos de 1930, os bairros populares eram caracterizados pelos contornos étnicos que os delimitavam. Esses bairros eram ocupados principalmente pela população de origem afro (SILVA, 1998). Com a intensa migração, novos contornos apareceram. Os lugares mais afastados do centro da cidade passaram a ser ocupados pelas classes populares, que construíam suas casas em terrenos muitas vezes clandestinos. Esses bairros autoconstruídos geralmente não contavam com saneamento ou infraestrutura.

A antropóloga Teresa Caldeira (2000) argumenta que a cidade de São Paulo passou por três momentos de segregação durante o século XX. O primeiro, que começou no final do século XIX e

---

<sup>6</sup> Para mais informações sobre o Hip Hop e a política ver CALDEIRA (2011) e SILVA (1998).

durou até os anos 1940, caracterizou uma cidade concentrada, em que diversos grupos sociais ocupavam uma pequena área urbana e a segregação se dava a partir do tipo de moradia. O segundo momento durou, segundo Caldeira, dos anos 1940 a 1980. Durante esse tempo predominou o modelo centro-periferia: as classes médias e ricas viviam nos bairros centrais da cidade, com excelente infraestrutura, enquanto os mais pobres viviam em bairros na periferia, muito distantes do centro e em condições precárias. O terceiro momento de segregação socioespacial tem início em meados dos anos 80 e se torna mais evidente a cada dia. Trata-se da cidade fragmentada. Com as transformações urbanas recentes, novos espaços são gerados, de forma que as diferentes classes sociais se aproximem em distância, porém se mantêm separadas por muros e seguranças, não havendo áreas comuns entre elas. Essas áreas fechadas, privatizadas e monitoradas destinadas aos ricos, Caldeira denomina como “enclaves fortificados”. A construção desses *enclaves fortificados* muda o caráter do espaço público e ainda a participação dos cidadãos na vida pública. Para a antropóloga, o resultado desse modelo de segregação é o abandono do espaço público e da ideia de uma sociedade democrática (CALDEIRA, 1997).<sup>7</sup>

Teresa Caldeira argumenta ainda que essa disposição da cidade está intimamente ligada à “fala da violência” (CALDEIRA, 2000). Não apenas o ato da violência justifica as pessoas a se fecharem em enclaves fortificados por causa do medo, mas a ideia da violência e a possibilidade – ainda que não seja tão grande para alguns – presentes nas falas e ações cotidianas permeiam a vida na cidade e influenciam as relações das pessoas.

Além disso, a violência pode se apresentar de muitas formas, espalhando o medo de maneira mais uniforme (MIRAGLIA, 2011):

Para além dos crimes, a violência está nas conversas informais cotidianas, nas denúncias de violações de direitos, no medo das mães que, nas periferias, evitam deixar que seus filhos frequentem a rua sem supervisão, na má conservação das escolas públicas, na presença da criminalidade organizada, no esvaziamento dos espaços públicos, na fragilidade das instituições responsáveis pela justiça e segurança – e, desse modo, ela pode ser associada a mais uma infinidade de temas, contextos e questões (MIRAGLIA, 2011: 322-323).

Entretanto, se o medo se espalha de maneira uniforme, as ações violentas acontecem de modo bastante desigual. Estudos mostram que a violência tem um “alvo principal”: jovens negros e pardos, moradores de bairros nas periferias. Os bairros da Zona Sul, região onde a pesquisa é realizada, não escapam das estatísticas. Ao contrário, são os lugares onde os índices de violência e mortalidade são os mais altos.

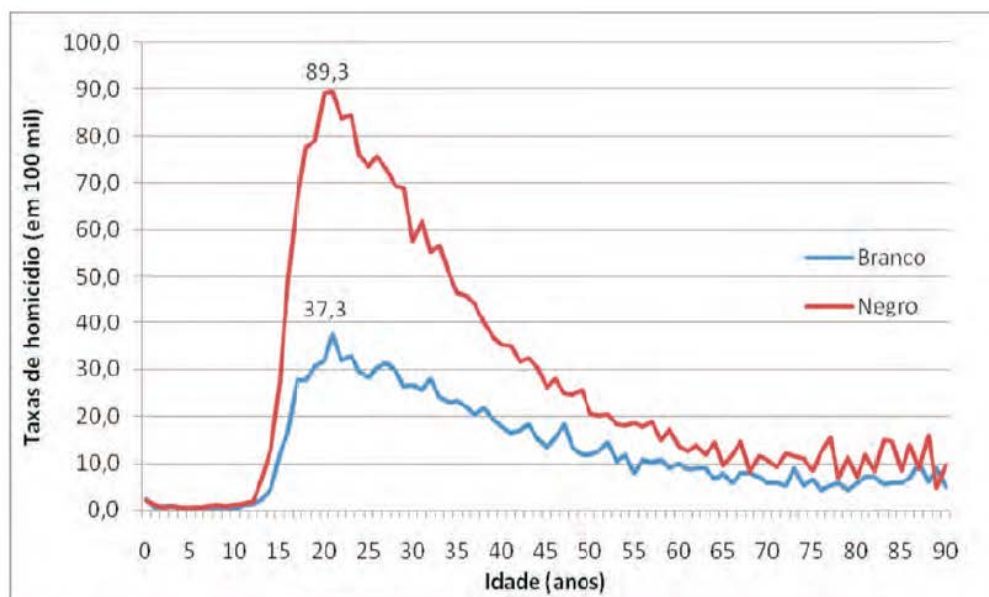
---

<sup>7</sup> A ideia de que o modelo de segregação centro-periferia tenha acabado não é hegemônica entre os estudiosos das cidades. A partir da experiência da pesquisa como um todo, dos debates teóricos e de minha própria vivência na cidade de São Paulo, meu posicionamento vai de acordo com o de Caldeira. Entretanto, se o modelo centro-periferia não é mais adequado para falar em uma segregação espacial, o peso simbólico que carrega ainda permite que seja utilizado para falar da distância social entre pobres e ricos. Essa fala parte, inclusive, dos interlocutores da pesquisa, moradores das periferias. Porém, esse simbolismo também é transformado. Ao invés de considerar a periferia de maneira negativa e negar seu pertencimento, eles o afirmam, produzindo ainda formas de lazer locais.

### 2.3.2 A Violência e os Jovens

Em 2012, o Mapa da Violência no Brasil registrou: os homicídios têm cor, idade e lugar (WASELFSZ, 2012). Pesquisas recentes indicam o altíssimo número de jovens negros que são mortos no país, como podemos ver no Gráfico 01.

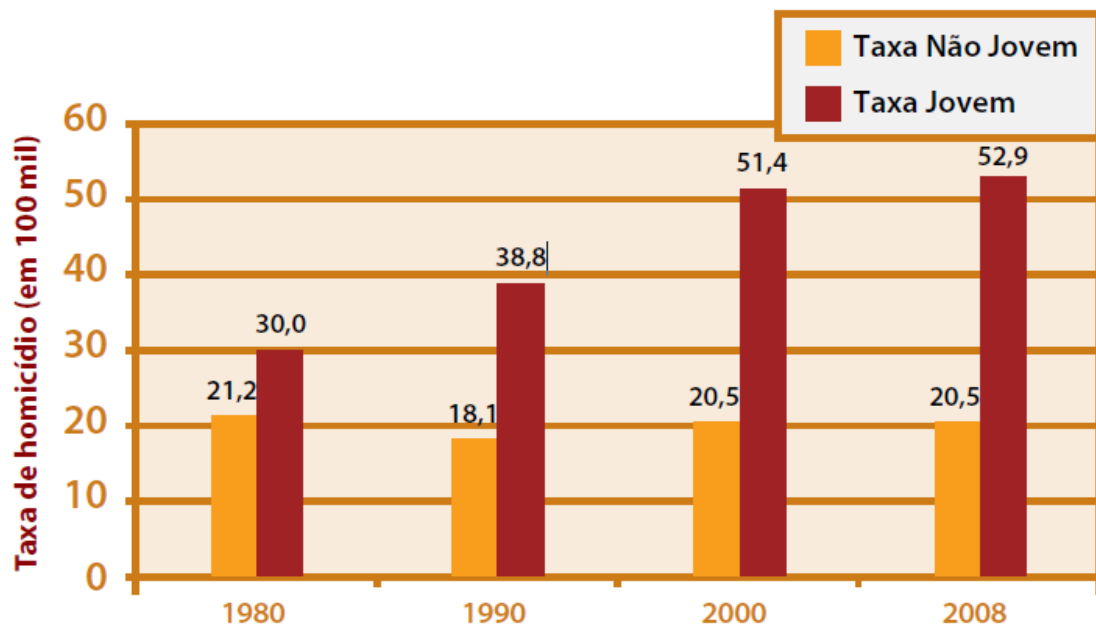
Gráfico 01 – Taxas de homicídio total (em 100 mil) por idades simples e cor. Brasil. 2010<sup>8</sup>



Fonte: Processamento dos microdados do SIM/SVS/MS e do Censo 2010/IBGE

Apesar desses dados recentes, estudos anteriores mostram que esse preocupante índice elevado de homicídios é uma realidade há décadas. Pelo gráfico podemos ver que não apenas o número de homicídio é maior entre os negros, mas também que o maior número de mortos está entre jovens de 15 e 30 anos. O alto número também não é novidade no Brasil, como podemos ver nas informações do Gráfico 02:

<sup>8</sup> Mapa da Violência no Brasil: 2012.

Gráfico 02 – Evolução das Taxas de Homicídio Jovem (15 a 24 anos) e Não Jovem. Brasil, 1980-2008<sup>9</sup>

Fonte: SIM/SVS/MS

Os dados nos mostram que além de uma diferença exorbitante entre o número de mortes de jovens e não jovens no Brasil há também o crescimento constante dessa taxa. Uma informação que preocupa ainda mais, como nos recorda Miraglia (2011), se considerarmos que um número significativo de homicídios, violência e violação de direitos é cometido pela polícia.

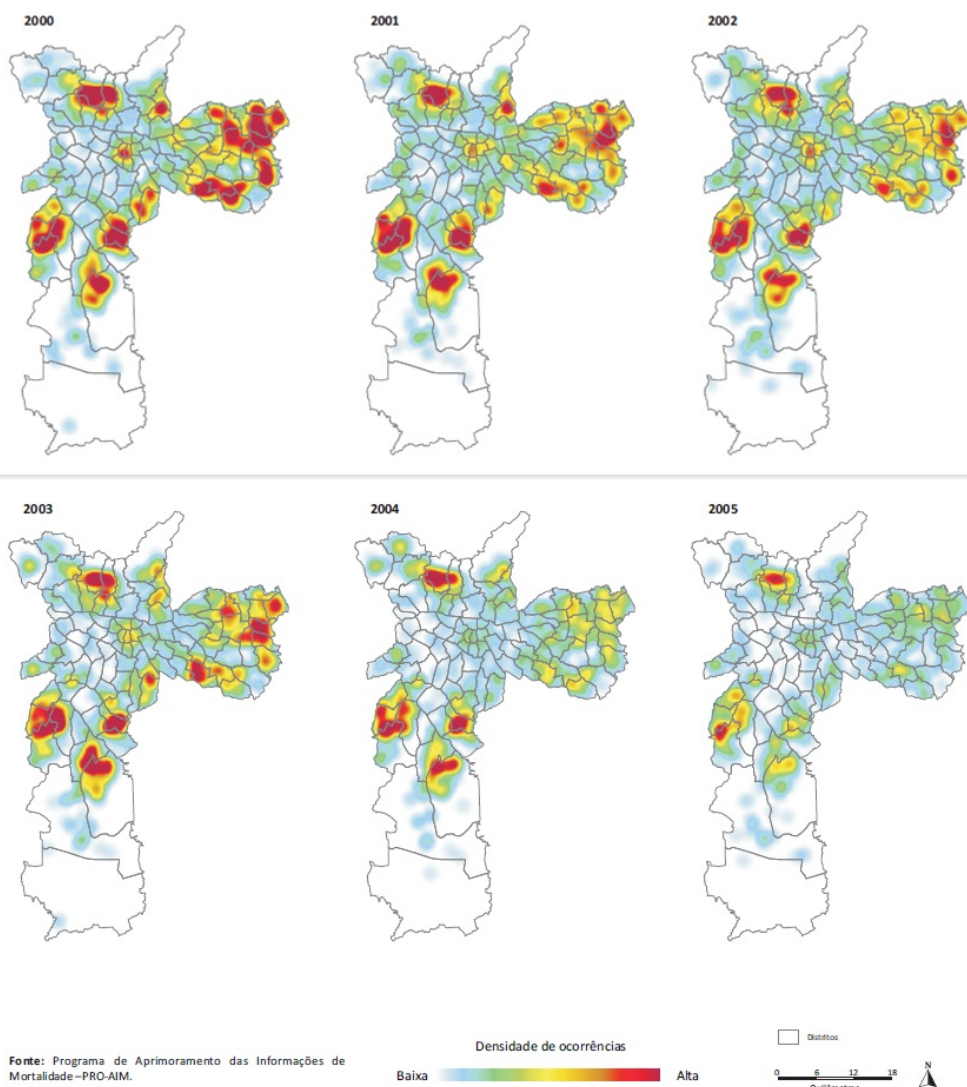
Na cidade de São Paulo, a alta taxa de homicídios de jovens acompanha os índices do Brasil e, se comparada por regiões, podemos ver onde é mais elevada:

<sup>9</sup> Mapa da Violência no Brasil, 2011.

Mapa 01 – Mortes por agressão de jovens de 15 a 24 anos  
2000 a 2005<sup>10</sup>

Densidade de ocorrências de mortes violentas

Mortes por agressão de jovens de 15 a 24 anos  
2000 a 2005



<sup>10</sup> Fonte: Olhar São Paulo – Violência e Criminalidade. Prefeitura da Cidade de São Paulo.



A disposição das ocorrências de homicídio no mapa nos mostra que as regiões com maior densidade são aquelas consideradas periféricas, principalmente as Zonas Leste e Sul. Percebemos também que, embora a densidade tenha diminuído entre os anos 2000 e 2005, ela ainda permanece alta em vários lugares.<sup>11</sup> Especialmente na região da Zona Sul, região em que acontece essa pesquisa.

A Zona Sul de São Paulo é a maior em extensão territorial. Sua periferia abrange bairros do distrito do Campo Limpo a Parelheiros. Nessa região o transporte público é feito principalmente por ônibus e micro-ônibus, além do trem. Há muitas favelas e casas construídas irregularmente em lugares sem infraestrutura. Mas ao longo dos anos, muitos desses bairros já foram atendidos, em parte, pelo poder público, recebendo a infraestrutura necessária, além de postos de saúde, escolas etc.

Como vimos no mapa acima, a violência tem sido constante na região da periferia da Zona Sul. Nos anos 1990, devido à alta taxa de homicídios registrados nos distritos policiais de Campo Limpo, Capão Redondo e Parque Santo Antônio, essa área ficou conhecida como “Triângulo da Morte”. As principais vítimas dessa violência eram, já naquela época, os jovens.

Tabela 01: Mortes por homicídio. População de 15 a 24 anos. São Paulo, 1994.<sup>12</sup>

Distrito	Mortes p/homicídio na pop. de 15-24 anos em 1994	Homicídios por 100 mil pessoas
Iguatemi	19	155,90
Campo Limpo	50	157,60
São Miguel	34	159,80
Capão Redondo	73	180,64
Itaim Paulista	62	183,79
Cidade Tiradentes	33	191,50
Cachocirinha	48	193,70
Grajaú	81	197,11
Jardim S. Luís	84	197,49
Jardim Ângela	83	222,12
<b>Total na Cidade SP</b>	<b>1.863</b>	<b>102,58</b>

Fonte: FSP, Especial, 26/11/95

O bairro Jardim Ângela, com seu índice de mortes era considerado o mais violento. A violência nesses lugares era atribuída a vários aspectos em conjunto: a dificuldade para se inserir no mercado de trabalho, as desigualdades sociais, a falta de atenção aos direitos civis dos moradores da periferia, entre outros motivos.

A ação dos movimentos sociais na região da Zona Sul foi e é ainda hoje de extrema importância para a queda do número de mortes por homicídio. Um dos eventos de grande importância nesse sentido é a “Caminhada Pela Vida e Pela Paz”, que acontece todo ano no Dia de Finados, desde 1995. A ideia da Caminhada surgiu com a intenção de chamar a atenção para o alto número de mortes que ocorriam na região. A partir da primeira edição, surgiu também o Fórum em Defesa da Vida, no qual se debate os problemas dos bairros e o que pode ser feito para resolvê-los, pressionando as autoridades, ou agindo diretamente, por meio de parcerias com grupos e organizações locais. As

<sup>11</sup> Devemos nos recordar ainda que os dados não abrangem o período entre 2006 e os dias atuais, em que vivemos ondas de violência com números altíssimos de homicídios, especialmente nos bairros de periferia, devido o confronto entre crime organizado e polícia. É preciso destacar ainda que todos os gráficos apresentados aqui, apesar de constarem dados de intervalos de tempo diferentes, estão inseridos no período que importa para a pesquisa, que é entre o final dos anos 90 e os dias atuais. Percebemos como a violência contra os jovens, apesar das oscilações, tem sido constante durante todo esse tempo.

<sup>12</sup> SILVA, 1998.

reuniões acontecem na Igreja do Jardim Ângela, que é conduzida pelo Padre Jaime Crowe, ator importante entre os movimentos sociais da região.

Outros movimentos possuem igual importância nesse contexto, como as associações de moradores, as atividades e organizações realizadas no Parque Santo Dias, as ONGs União Popular de Mulheres, Capão Cidadão e Periferia Ativa, entre outros. As reivindicações e denúncias realizadas pelos movimentos sociais conquistaram o apoio de movimentos culturais que surgiram ou ganharam destaque nesses bairros a partir do final dos anos 1990: os saraus literários da periferia, as lojas temáticas, os estúdios para gravação e shows de *rap*, os times de futebol de várzea. Os movimentos culturais não somente passam a reforçar as demandas de melhorias para a periferia, como constroem uma “identidade periférica”.

A participação de jovens em grupos de produção e gestão artística tem feito com que a cultura se manifeste politicamente no contexto da periferia. A questão da juventude aparece na pesquisa como um dado, já que visivelmente o maior número de escritores e participantes dos saraus é de jovens. Por esse motivo, é algo que precisa ser problematizado. O ponto de vista para a realização desse trabalho é o de perceber o jovem como um sujeito social, como propõe Dayrell (2003). Para esse autor, é necessário que a juventude não seja mais vista apenas como um momento de passagem da infância para a vida adulta, mas que receba importância em si mesma.

Segundo Dayrell (2003), um sujeito social é aquele que possui uma história de vida, é movido por seus desejos e se relaciona com outros sujeitos a partir disso, ocupa um lugar na sociedade e interpreta o mundo com base nesses aspectos, agindo sobre ele e, ao mesmo tempo, sofrendo interferências. Por essa perspectiva, todos nós que vivemos em sociedade somos sujeitos sociais, o grande desafio é compreender cada sujeito em sua especificidade.

Nesse sentido, a visão da juventude como um problema social, um período de transição para a vida adulta, ou dentro de um recorte geracional, precisa ser superada e substituída por um ponto de vista em que o modo do jovem de entender, ver e viver no mundo seja levado em consideração. Não apenas para que possamos compreender o que é, afinal, ser jovem em nossa sociedade, mas para que políticas públicas, por exemplo, sejam implantadas e se tornem bem sucedidas, porque partirão de questões que os próprios jovens elaboraram e apresentaram (ABRAMO, 1997). Neste caso, percebendo jovem como sujeito de direitos, além de sujeito social – em contraposição à perspectiva de problema social (NOVAES, 2011).

Levar em conta essa complexidade de ser jovem em nossa sociedade é de fundamental importância. Como argumenta Pereira (2007), seria mais adequado falarmos em juventudes (no plural), pois ser jovem varia não apenas de faixa etária, mas tem a ver também com outros fatores, como classe social, inserção no mercado de trabalho, gênero etc. Todos esses aspectos, quando considerados nessa investigação, nos faz, assim como Dayrell (2003) assumir não apenas uma opção teórica, mas também uma postura metodológica e ética de lidar com o jovem como um sujeito capaz de formular suas próprias questões.

Nessa pesquisa, percebemos que são os jovens, em coletivos culturais, que transitando entre o formal e o informal têm sido bem sucedidos em toda sua articulação artística e política. A utilização das categorias formal e informal para falar dos grupos está de acordo com o que o antropólogo Abner Cohen identificou ao estudar a questão da etnicidade em cidades africanas. Para Cohen, o agrupamento étnico naquelas cidades era essencialmente informal. Isso significava que os grupos tribais uniam-se por interesses mútuos. A união não fazia parte da “estrutura oficial do poder econômico e político dentro do Estado” (COHEN, 1969: 20). Se assim fosse, segundo Cohen, não “estaríamos mais lidando com etnicidade, mas com política nacional ou internacional” (Idem).

No caso dos saraus, não lidamos com a ideia de etnicidade especificamente. Mas podemos pensar o agrupamento em torno da construção de uma “identidade periférica”. Entendemos que as

iniciativas que partem, por exemplo, da Prefeitura de São Paulo, são políticas públicas e estão dentro de uma estrutura oficial do poder, são, portanto formais. As iniciativas que partem dos agrupamentos de saraus e coletivos culturais, tendo como elo os interesses desses grupos, são consideradas informais.

No exercício de compreender em que contexto histórico e social esses saraus se inserem, vimos que esse é um contexto de segregação socioespacial e constante violência contra os jovens moradores das periferias. Porém, a relação “causa e consequência” não parece ser suficiente para compreender a importância que esses movimentos culturais têm adquirido, nem suas relações com os movimentos sociais já consolidados. Ou seja, afirmar que os jovens se unem e produzem uma arte engajada para “fugir” da violência, ou como alternativa a ela, na tentativa de combatê-la, embora possa ser um argumento real, não é o único e nem deve ser pensado de maneira isolada. A resposta para essa questão só pode ser respondida se dermos atenção às *situações* construídas nesses locais.

O conceito de *situação* é uma ferramenta metodológica oferecida pelo antropólogo Michel Agier para pensar e realizar pesquisas antropológicas no contexto urbano. Seu pressuposto teórico e metodológico diz que para realizar uma pesquisa de Antropologia Urbana é necessário deslocar o olhar da cidade para os cidadãos (AGIER, 2011). Isso porque são os grupos sociais, a partir de laços culturais e políticos, que fazem a cidade. Ao antropólogo cabe produzir a *cidade bis*: a cidade “a partir do ponto de vista das práticas, relações e representações dos cidadãos que ele próprio observa diretamente e em situação” (AGIER, 2011, p. 32).

De acordo com essa abordagem, são os limites da interação que definem uma situação. Agier retoma esse conceito de J. C. Mitchell, para quem o peso da análise antropológica deve ser colocado na interação e não no que os indivíduos envolvidos dizem sobre ela. A situação exige o mínimo de coerência comunicativa, ou o “sentido partilhado”, ainda que possa haver conflito. O sentido depende do cada grupo. Lugares, por exemplo, podem ser plurissituacionais (AGIER, 2011). Como os espaços onde acontecem os saraus. Para um grupo de músicos e poetas reunido em uma quarta-feira à noite no Bar do Zé Batidão, no Jardim Guarujá, o bar é o lugar da Arte: a plateia, o palco. Para um grupo desavisado que desconhecia a existência do Sarau da Cooperifa, é um espaço de lazer após um longo dia de trabalho. A cidade é essa vivência em situação. Ela é construída nas situações e “o próprio ser da cidade surge, então, não como um dado, mas como um *processus*, humano e vivo, cuja complexidade é a própria matéria de observação, das interpretações das práticas de ‘fazer a cidade’” (AGIER, 2011: 38-39).

Nesse sentido, para o desenvolvimento da pesquisa, a proposta é de partir das interações entre as pessoas, em *situação* nos saraus e eventos realizados pelos movimentos culturais a fim de entender como eles se inserem no contexto da periferia e constroem suas relações com outras iniciativas coletivas.

Em análises iniciais, percebemos que a fala da violência, assim como de outros problemas que dizem respeito à periferia, se faz presente. Entretanto, os jovens não têm se colocado numa posição de espectador, à espera que o poder público ouça suas demandas e resolvam os problemas. Ao contrário se colocam como agentes nesse processo. Ser agente nesse processo não significa apenas participar das ações. Eles vão além e reivindicam que o conhecimento que produzem e adquirem em seu contexto – os bairros de periferia – e as iniciativas que já colocaram em prática sejam levados em conta e utilizados em favor de si próprios, nas resoluções de seus problemas. Os movimentos culturais, ao construir e valorizar uma identidade periférica têm ocupado um importante espaço nesse processo, reivindicando para si uma literatura, uma música, um modo de vida próprio. Junto com movimentos sociais reivindicando mais que a resolução do problema da violência, ou de outros problemas, mas *o modo* como resolvê-los a partir de sua visão de mundo.

## Bibliografia

- ABRAMO, Helena Wendel. *Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil*. Revista Brasileira de Educação, nº 5 e 6, mai-dez, 1997.
- AGIER, Michel. *Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos*. Terceiro Nome. São Paulo, 2011.
- ALONSO, Ângela. *As teorias dos movimentos sociais: um balanço do debate*. Revista Lua Nova, n. 76. São Paulo, 2009.
- BERNED, Zilá. *Introdução à Literatura Negra*. Brasiliense. São Paulo, 1988.
- CALDEIRA, Teresa. *Enclaves Fortificados: a nova segregação urbana*. Revista Novos Estudos CEBRAP, nº 47, São Paulo, março 1997. pp. 155-176.
- \_\_\_\_\_. *Cidade de muros. Crime, segregação e cidadania em São Paulo*. Editora 34 / Edusp. São Paulo, 2000.
- \_\_\_\_\_. *O rap e a cidade: reconfigurando a desigualdade em São Paulo*. In: São Paulo: novos percursos e atores. KOWARICK, Lúcio e MARQUES, Eduardo (orgs.). Editora 34. São Paulo, 2011.
- COHEN, Abner. *Etnicidade Política em Cidades Africanas Contemporâneas*. In: Custom and Politics in Urban Africa. London, Routledge and Kegan Paul, 1969. Tradução de Elisa Mazarian.
- DAYRELL, Juarez. *O Jovem como Sujeito Social*. Revista Brasileira de Educação, nº 24, set/out/nov/dez, 2003.
- DURHAN, Eunice. *A Dinâmica da Cultura*. Cosac Naify. São Paulo, 2004.
- FERRÉZ. *Capão Pecado*. Editora Objetiva. São Paulo, 2005.
- MAGNANI, José Guilherme C. *Da Periferia ao Centro. Trajetórias de Pesquisa em Antropologia Urbana*. Editora Terceiro Nome. São Paulo, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Festa no Pedaço. Cultura Popular e Lazer na Cidade*. Hucitec / Unesp. São Paulo, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole*. In: MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). *Na Metrópole. Textos de Antropologia Urbana*. São Paulo. Edusp, 1996.
- MIRAGLIA, Paula. *Homicídios: guias para a interpretação da violência na cidade*. In: São Paulo: novos percursos e atores. KOWARICK, Lúcio e MARQUES, Eduardo (orgs.). Editora 34. São Paulo, 2011.
- NASCIMENTO, Érica Peçanha do. *“Literatura Marginal”: os escritores da periferia entram em cena*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

- \_\_\_\_\_. *Vozes Marginais na Literatura*. Aeroplano. Rio de Janeiro, 2009.
- NOVAES, Regina. *Entre Juventudes, Governo e Sociedade (e nada será como antes...)*. In: PAPA, Fernanda de Carvalho e FREITAS, Maria Virgínia de. “Juventude em Pauta. Políticas Públicas no Brasil”. Editora Peirópolis. São Paulo, 2011.
- PEREIRA, Alexandre Barbosa. *Muitas Palavras: a discussão recente sobre juventude nas Ciências Sociais*. Revista Ponto Urbe, ano 1, 2007.
- SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Planejamento – SEMPLA. Departamento de Estatística e Produção de Informação – DIPRO. *Olhar São Paulo. Violência e Criminalidade*. São Paulo. SEMPLA, 2011.
- SILVA, José Carlos Gomes da. *Rap na Cidade de São Paulo: Música, Etnicidade e Experiência Urbana*. Tese de doutorado apresentada ao Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Campinas, 1998.
- WASELFISZ, Julio Jacobo. *Mapa da Violência 2012: A cor dos homicídios no Brasil*. Rio de Janeiro: CEBELA, FLACSO; Brasília: SEPP/PR, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Mapa da Violência 2011: os jovens no Brasil*. São Paulo: Instituto Sangari; Brasília, DF: Ministério da Justiça, 2011.